

sicos, mas essencialmente sobre a experiência vivida das realidades do mundo interior. Além disso, tentamos evidenciar que a única linguagem possível para descrever tais realidades era a linguagem simbólica, embora a mesma tenha seus limites. Só o homem que fez a experiência destas realidades estaria em condições de compreender a significação profunda desta linguagem, o que deve deixar-nos de sobreaviso em relação a qualquer interpretação ou análise dos símbolos que ela utilizou. Entretanto, parece-nos que uma interpretação psicológica merece ser tentada, sobretudo no sentido de se procurar reconstituir as idéias mestras da psicologia de nossa autora, fonte principal de sua linguagem. Se não conseguirmos atingir o sentido que Teresa atribuiu a tais símbolos, atingiremos pelo menos o nosso...

Um fato é certo, ou seja, o de jamais se ter contestado que a linguagem simbólica teresiana mereça ser submetida a uma interpretação psicológica, como já havia observado Jean Baruzi: «Determinaram-se já as fontes de numerosas de suas imagens, mas acaso encontrar-se-iam tão seguramente as origens desta linguagem psicológica em que, sem dúvida, se traduz o mais puramente sua natureza?»¹¹⁷ Um pouco antes escrevera: «Teresa atingiu uma classificação propriamente psicológica dos vocábulos escolhidos. Classificação na qual se inscreve sua maneira de dissociar estados vividos dando-lhes nomes em relação aos quais tem plena consciência, senão de inventá-los, pelo menos de inclinar em direção à região que descreve, assim como por uma decisão que emana dela própria. As noções abstratas que recebeu da tradição, ela as definiu, em linguagem concreta e psicológica».¹¹⁸

Esta tradução da experiência mística em esquemas emprestados à psicologia e à linguagem simbólica é comum na chamada mística prática.¹¹⁹

«Atribuiu-se um mérito a Santa Teresa por ter dado uma definição cientificamente impecável dos graus de contemplação (...) de um ponto de vista absolutamente psicológico».¹²⁰ Desta forma, nosso estudo insere-se no centro das preocupações daqueles que estudam a obra de Santa Teresa de Ávila.

¹¹⁷ Baruzi, Jean. *Introduction à des recherches sur le langage mystique*, op. cit. p. 75.

¹¹⁸ *Ibid.* p. 74. Cogné, Louis fez observações semelhantes num guia de leitura para compreender Santa Teresa de Ávila. In *Vie Spirituelle*, n. 101 (1959) 529, como também Ricard, R., *Socratisme Chrétien*, in *Bulletin Hispanique*, setembro (1945) 140.

¹¹⁹ Ivanka, Von, evidenciou isto em relação à estrutura da alma segundo São Bernardo, em *Structure de l'âme*, in *Analecta Sacri ordinis*, 1953 Fasc. 3-4. Por sua vez, Reydens, L., escreve no *Dictionnaire de Spiritualité Catholique*, op. cit. col. 433: «A chamada mística prática (...) contenta-se sobretudo com nomear e descrever, graduar os favores divinos segundo suas repercussões psicológicas».

¹²⁰ Stolz, Dom Anselmo. *Théologie de la mystique*. Chevetogne, Ed. des Bénédictins d'Amoy, 1939, p. 30.

PARTE III

Os Símbolos da Alma e sua Estrutura

1. As Expressões Simbólicas da Alma e do Centro

«Enquanto hoje eu suplicava a Nosso Senhor para falar por mim ... apresentou-se ao meu espírito o que vou dizer agora, e que será de alguma forma o fundamento deste escrito»:¹

«Pode-se considerar a alma como um castelo composto inteiramente de um único diamante ou de um cristal muito puro, e que contém muitos compartimentos, tal como o céu que encerra muitas moradas».² «Não deveis considerar estas moradas como se elas fossem dispostas uma depois da outra e em fila».³ «Falei de sete moradas somente. Mas cada uma delas contém muitas outras, e estas se encontram embaixo, no alto e dos lados».⁴ Cada morada tem uma infinidade de compartimentos: «Eis por que vos digo para considerar que elas encerram não apenas um pequeno número, mas uma infinidade de compartimentos».⁵ Existem moradas em todas as direções: «em volta e em cima — uma infinidade de moradas...»⁶ ou «partes...»⁷ Estas moradas são «tão numerosas e tão resplandecentes»⁸

¹ Moradas 1.as-II.

² Moradas 1.as-I-1. Encontra-se já o símbolo do castelo no *Camino de Perfección*, onde Teresa escreve: «Saibamos perceber que dentro de nós há um palácio de uma riqueza incomparável, todo de ouro e de pedras preciosas, digno em poucas palavras do Senhor a quem pertence. Considerai, além disso, que vós concorreis com vossa parte, como é verdade, à sua beleza; que não há palácio cuja magnificência possa ser comparada à de uma alma pura e ornada de virtudes; que tanto mais elevadas são essas virtudes, mais resplandecem as pedras preciosas do palácio. Representai-vos ainda que neste palácio habita o grande Rei, que por sua bondade se dignou fazer-se pai, e que ele reside num trono do mais alto preço, vosso coração».

Camino XXVIII-9, o simbolismo do castelo, das moradas e do centro da alma encontramos-lo no decorrer de toda a sua obra, mas ele é sobretudo desenvolvido no *Livro das Moradas*.

³ Moradas 1.as-II-8.

⁴ Moradas 7.as-Epil-3.

⁵ Moradas 1.as-II-12.

⁶ Moradas 1.as-II-8.

⁷ Moradas 1.as-II-8.

⁸ Moradas 7.as-I-5.